
A “VIDA BOA” DO HOMEM NO HIPOTÉTICO ESTADO DE NATUREZA SEGUNDO JEAN-JACQUES ROUSSEAU

PAULO SÉRGIO CRUZ BARBOSA*

Resumo

O artigo objetiva fazer uma leitura da “vida boa” do homem, no hipotético estado de natureza, segunda o filósofo Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) e a partir da obra *Discurso sobre a origem da desigualdade*. No *Discurso*, Rousseau faz uma análise da gênese da evolução humana, do nascimento da sociedade e da origem das desigualdades. O objetivo não foi somente responder à academia de Dijon que lançara a questão em 1753, mas compreender o homem social com todas as suas mazelas e a forma como as construiu. Antes, fez uma análise do homem natural destacando os seus aspectos físicos e metafísicos.

Palavras-chave

Estado de natureza, Homem natural, “Vida boa”, Perfectibilidade, Piedade.

A “GOOD LIFE “ MAN IN THE HYPOTHETICAL NATURE OF STATE BY JEAN- JACQUES ROUSSEAU

* Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Professor de Filosofia e Sociologia da rede particular de ensino em Fortaleza. Membro do Grupo de Estudos Rousseau da Universidade Federal do Ceará - UFC.

Abstract

This article aims to make a reading of the “ good life “ of man, in the hypothetical state of nature, the second the philosopher Jean -Jacques Rousseau (1712-1778) and from the work *Discourse on the Origin of Inequality*. In *Speech*, Rousseau analyzes the genesis of human evolution, the birth of society and the rise of inequality. The goal was not only to answer the academy Dijon that cast the issue in 1753, but understanding the social man with all its ills and how built. Before, he made an analysis of the natural man highlighting their physical and metaphysical aspects.

Keywords

State of nature, Natural man, “Good life”, Perfectibility, Pity.

INTRODUÇÃO

O tema proposto, a “vida boa” do homem no hipotético estado de natureza segundo Jean-Jacques Rousseau, será desenvolvido, principalmente, a partir de uma leitura da primeira parte da obra, *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*.

Depois de fazer uma crítica ao modo como se deu a evolução das ciências e das artes e sua repercussão na sociedade no seu primeiro *Discurso*, Rousseau fica diante de um novo concurso. A academia de Dijon, em 1753, propõe uma nova questão: “Qual é a origem da desigualdade entre os homens, e a mesma é autorizada pela lei natural?” O filósofo resolve responder a questão.

Ao contrário do seu primeiro *Discurso*, Rousseau não ganhou o prêmio da Academia, mas com a resposta à pergunta proposta nasceu uma das suas obras mais importantes que também é conhecida como *Discurso sobre a origem da desigualdade*.

No *Discurso*, com o intuito de compreender as condições

do homem no estado de sociedade; de detectar os momentos e as causas que marcaram a evolução humana e o progresso das coisas, Rousseau, antes, faz uma análise hipotética do homem no estado de natureza. O homem natural é descrito pelo filósofo com destaque para as características físicas, metafísicas e morais. Com a leitura, é possível perceber que, nesse estado, o homem tinha uma “vida boa”, que também consistia na independência natural e na satisfação das necessidades básicas de sobrevivência.

O filósofo supõe o estado de natureza como aquele momento mais propício à liberdade (liberdade natural), à igualdade (transparência originária) e à “felicidade” (realização das necessidades naturais), pois, nesse estado, o homem natural vivia isolado, solitário e independente, portanto, tinha uma “vida boa”, pois suas “paixões” eram basicamente as necessidades de comer, de repousar e de fazer sexo como procriação, e todas elas eram facilmente satisfeitas.

I O ESTADO DE NATUREZA SEGUNDO ROUSSEAU

A obra *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, também conhecida como *Segundo discurso* ou *Discurso sobre a origem da desigualdade* do filósofo genebrino Jean-Jacques Rousseau, trata-se de uma das análises mais fortes sobre a gênese da evolução humana, do nascimento da sociedade e da origem das desigualdades sociais. Não só para responder à academia de Dijon que lançara a questão sobre a origem das desigualdades (em 1753), mas objetivando compreender o homem social com todas as suas mazelas e a forma como as construiu, Rousseau faz uma análise hipotética do homem no estado de natureza. Essa análise é importante para que se possa compreender o momento em que o homem deixou escapar a “vida boa” do seu estado original e passou a viver a “ferros” no estado social. Jean Starobinski assim comenta a questão hipotética do estado de natureza em Rousseau.

Em uma passagem do segundo *Discurso* em que Rousseau vigia manifestamente seu pensamento, não chega ele a supor que o estado de natureza

“talvez não tenha absolutamente nem existido”? O estado de natureza é, pois, tão somente o postulado especulativo que uma ‘história hipotética’ se confere, princípio sobre o qual a dedução poderá apoiar-se, em busca de uma série de causas e efeitos bem encadeados para construir a explicação genética do mundo tal como ele se oferece aos nossos olhos.¹

O homem natural apresentado por Rousseau vislumbrava uma “vida boa”. Ele vivia a simplicidade e a tranquilidade da vida natural satisfazendo-se com o que a natureza lhe oferecia. Na narrativa do filósofo, é perceptível essa tranquilidade da vida natural. Vê-se o homem bastando-se ao lado de uma árvore e se refrescando com as águas de um riacho sem nenhuma preocupação.

(...) vejo um animal menos forte do que uns, menos ágil do que outros, mas, em conjunto, organizado de modo mais vantajoso do que todos os demais. Vejo-o fartando-se sob um carvalho, refrigerando-se no primeiro riacho, encontrando seu leito ao pé da mesma árvore que lhe forneceu o repasto e, assim, satisfazendo a todas as suas necessidades.²

É visível a harmonia do homem com o meio natural, vivendo em paz consigo mesmo. Ele não necessitava preocupar-se com o dia de amanhã, pois o amanhã não existia para ele. Cada dia era vivido sem grandes perspectivas para o outro. Todas as necessidades básicas eram satisfeitas naquele mesmo dia de acordo com as possibilidades. Os subsídios encontrados na natureza lhe bastavam para satisfazer suas necessidades básicas de sobrevivência. Desse modo, a natureza seria um instrumento sagrado onde todas as necessidades eram satisfeitas. A partir disso, pode-se deduzir que o homem natural teria uma “vida boa”, pois nesse estado não havia grandes preocupações, visto que o homem vivia isolado. Assim, o referido estado seria um ambiente agradável e pacífico. Embora existissem alguns perigos na convivência com animais selvagens e, algumas dificuldades diante de intempéries naturais, é sabido que o conjunto de características envolvendo a realidade desse estado e as características do homem natural propiciam

1 STAROBINSKI, J. *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo*, p. 26.

2 ROUSSEAU, J. J. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, p. 238.

uma vida mais pacífica que violenta.

No hipotético estado de natureza, o homem satisfaz-se com tudo que a sua “mãe natureza” oferece-lhe. Ao vagar pelas florestas, sem abrigo próprio, o “selvagem” encontra na própria terra um abrigo natural para o seu repouso: “A terra abandonada à fertilidade natural e coberta por florestas imensas, que o machado jamais mutilou, oferece, a cada passo, provisões e abrigos aos animais de qualquer espécie.”³ Portanto, a terra era uma verdadeira protetora daqueles que sabiam conservá-la em sua essência, uma vez que não havia nenhum tipo de agricultura, pode-se imaginar a terra como um lugar puro e saudável, pois nesse período a mão humana ainda não tinha causado a ela qualquer dano, por isso a natureza era para o homem natural um ambiente bastante agradável. Talvez por causa disso Rousseau a coloca em um patamar de “deusa” com o poder de alimentar, abrigar, proteger e defender seus “filhos”, dando-lhes todo o suporte para uma vida simples e tranquila.

Assim, as únicas dificuldades da vida natural tratavam-se das enfermidades naturais que eram bem diferentes das doenças da vida social. Enquanto esta seria uma criação manhosa própria da vida em sociedade, àquela consiste apenas em alguns obstáculos encontrados na infância e na velhice. Ainda sobre a diferença entre as enfermidades naturais e as doenças criadas pelo homem social: enquanto estas são criações próprias do sedentarismo social, àquelas consistem nas enfermidades que são fenômenos próprios das regras da natureza. Portanto, não havia “doenças” no estado de natureza. O homem natural não precisava de médicos para curar suas enfermidades, pois a própria natureza tratava de curá-lo com competência maior do que a medicina, sobre isso destaca Rousseau.

Com tão poucas fontes de males, o homem, no estado de natureza, não sente, pois, necessidade de remédios e, menos ainda de médicos; a espécie humana não está, pois, a esse respeito, em condições piores do que todas as outras e é fácil perguntar aos caçadores se, nas suas caminhadas, encontraram muitos animais enfermos.⁴

3 Ibidem, p. 238.

4 Ibidem, p. 241.

Aliás, para o genebrino, as piores doenças, isto é, os piores males, são causados pelo próprio homem vivendo em sociedade.

E como poderia acontecer, se nós nos causamos males mais numerosos do que os remédios que a medicina pode nos fornecer? A extrema desigualdade na maneira de viver; o excesso de ociosidade de uns; o excesso de trabalho de outros; a facilidade de irritar e de satisfazer nossos apetites e nossa sensualidade; os alimentos muito rebuscados dos ricos, que os nutrem com sucos abrasadores e que determinam tanta indigestão; a má alimentação dos pobres, que frequentemente lhes falta e cuja carência faz que sobrecarreguem, quando possível, avidamente seu estômago; as vigílias, os excessos de toda sorte; os transportes imoderados de todas as paixões; as fadigas e o esgotamento do espírito, as tristezas e os trabalhos sem-número pelos quais em todos os estados e pelos quais as almas são perpetuamente corroídas.⁵

Com a ausência dos males sociais o homem natural levava sua vida tranquilamente, inclusive, diante da morte. A falta de temor à morte justifica-se pelo fato de não haver uma cultura estabelecida sobre ela, no estado de natureza, a velhice e a morte não se configuram como um mito, mas como acontecimentos naturais. O homem natural não teria necessidade de brigar pela continuidade da vida, muitas vezes, a morte chegava naturalmente e ele nem percebia. Por que ter ânsia pelo prolongamento da existência se todas as necessidades da vida já foram satisfeitas? Àqueles, hoje, que não aceitam a morte estão presos às ilusões próprias da vida civil. Sobre a naturalidade do fim da existência através da velhice e da morte destaca Rousseau.

Entre os velhos, que agem e transpiram pouco, a necessidade de alimentos diminui com a faculdade de atendê-la e, como a vida selvagem distancia deles os reumatismos e a gota, e como a velhice, entre todos os males, é aquele que o socorro humano menos pode aliviar, extinguem-se um dia, sem que nos percebamos que deixaram de viver e quase sem que eles mesmo percebam.⁶

5 ROUSSEAU, J. J. Op. Cit., p. 240-241.

6 Ibidem, p. 240.

Por que ter medo da morte se todos os fantasmas (medos e preconceitos) ainda não faziam parte do seu conhecimento? A velhice, para o homem natural, era um fato comum a sua existência; diante dela, ele vivia seus últimos dias com a mesma naturalidade com que vivera os primeiros, mostrava-se sem nenhuma ambição com o prolongamento da vida e assim se deparava com a morte naturalmente. O homem natural não sofria com a morte pelo fato de ele não ter consciência de haver determinado mal nela. O medo da morte ou o desejo de haver outra vida após a morte são características do homem da sociedade.

Diferente do estado de sociabilidade, o estado de natureza seria um constante estado de tranquilidade. Isso por causa da vida isolada e solitária do homem natural. Em Rousseau, parece que a solidão do estado de natureza seria um exemplo real de "vida boa". Uma vez que é na convivência social que está a origem de vários males. Sobre essa tese merece destaque as considerações do filósofo em o *Emílio*: "(...) de todos os animais, o homem é o que menos pode viver em rebanho. Homens juntos como carneiros pereceriam em pouco tempo." ⁷.

Diante das condições do estado natureza, a vida social praticamente não existia, se havia algum tipo de sociabilidade era apenas em potência, pois a sociabilidade formada só seria possível com a evolução da razão e, conseqüentemente, com a convivência social. Assim, as únicas formas de encontro no estado de natureza aconteciam por acaso na hora da reprodução, que era totalmente regida pelos impulsos próprios da natureza. Sobre isso o genebrino ressalta.

(...) enquanto que, nesse estado primitivo não tendo nem casa, nem cabanas, nem propriedade de nenhuma espécie, cada qual se abrigava ali mesmo e em geral por uma única noite; os machos e as fêmeas uniam-se fortuitamente conforme o acaso, a ocasião e o desejo (...). Logo que tinham forças para procurar seu alimento, [os filhos] não tardavam em deixar a própria mãe e, como quase não havia outro meio de encontrar-se senão o de não se perder de vista, logo chegavam ao ponto de nem sequer se reconhecerem uns aos outros. ⁸

7 ROUSSEAU, J. J. *Emílio ou da educação*, p.38.

8 ROUSSEAU, J. J. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade*

Em o *Segundo discurso*, Rousseau não descarta a ausência total de sociabilidade no estado de natureza. Para Derathé, se existe algum tipo de sociabilidade no estado de natureza rousseauiano, manifesta-se na ideia de piedade.

(...) O primitivo basta-se a si mesmo, ele dispensa facilmente a assistência dos seus semelhantes, ele não experimenta nenhum desejo pela vida em sociedade, que, aliás, ele é absolutamente incapaz de conceber. Enquanto vive no isolamento, ele não aspira de modo algum à vida social, dela não sente de modo algum necessidade. Sob sua forma primitiva, a sociabilidade se reduz, para Rousseau, ao sentimento de piedade, que ele descreve tão longamente no *Discurso sobre a desigualdade*, e sobre o qual insiste novamente no *Emílio*.⁹

De certa forma, é perceptível uma potência natural para a sociabilidade que seria a ideia de piedade como um sentimento natural, porém não havia uma sociabilidade organizada como há no estado civil. A vida em sociedade não era uma realidade do homem natural, portanto o isolamento é, sem dúvida, uma das suas características mais fortes.

Rousseau, na primeira parte da sua obra em estudo aqui, faz uma análise detalhada das características físicas e metafísicas do homem natural. A primeira está relacionada com os aspectos fisiológicos e a outra com o caráter espiritual. Isso é importante para entendermos as condições da vida no estado de natureza.

2 AS CONDIÇÕES DO HOMEM NATURAL: ASPECTOS FÍSICOS E METAFÍSICOS

Ao imaginar o homem natural no aspecto físico, em o *Discurso sobre a origem da desigualdade*, diferentemente de Aristóteles, Rousseau não se preocupou com dados biológicos da anatomia

entre os homens, p.247.

9 DERATHÉ, R. *Rousseau: e a ciência política de seu tempo*, p. 226.

humana. Suas observações estão voltadas principalmente para o homem tal como se encontra hoje: bípede, utilizando as mãos como auxílio na sua sobrevivência, olhando para toda natureza a sua volta, medindo a extensão do céu com seu olhar curioso e dono de uma fortaleza invejável.

(...) eu o suporei conformado em todos os tempos como o vejo hoje: andando sobre dois pés, utilizando suas mãos como o fazemos com as nossas, levando seu olhar a toda a natureza e medindo com os olhos a vasta extensão do céu.¹⁰

O homem natural apresentado por Rousseau é privilegiado por natureza, uma vez que é dono de um físico forte, ágil, sadio e resistente. A fisiologia dele é quase perfeita, pois, acostumado com a rigidez da vida selvagem, no contato com as mudanças do clima, sejam tempestades ou secas e, precisando se defender das feras, em combates totalmente desarmado, o homem adquiriu um corpo robusto e resistente. Sobre isso destaca nosso autor.

Habitados, desde a infância às intempéries da atmosfera e ao rigor das estações, experimentados na fadiga e forçados a defender, nus e sem armas, a vida e a prole contra as outras bestas ferozes ou a elas escapar correndo, os homens adquirem um temperamento robusto e quase inalterável; os filhos, trazendo para o mundo a excelente constituição de seus pais e fortificando-a pelas mesmas atividades que a produziram, adquirem, desse modo, todo o vigor que a espécie humana é capaz.¹¹

Algumas dificuldades advindas das intempéries naturais vão desenvolvendo esse temperamento robusto e o homem natural vai se tornando o mais forte e temido dos seres vivos. É perceptível que até nos momentos mais difíceis a natureza age como sua educadora e transformadora. Essas dificuldades encontradas na dinâmica da vida na natureza servem para o homem ficar cada vez mais forte.

Longe de qualquer invenção, própria do homem civil, o homem natural tem na fortaleza do seu corpo uma arma, pois, quando

¹⁰ ROUSSEAU, J. J. Op. Cit., p. 238.

¹¹ Ibidem, p. 238.

necessário, usa-a na dinâmica de sobrevivência.

Essa fortaleza do homem natural vai ser prejudicada na medida em que vão surgindo atividades próprias da civilidade. É o progresso quem vai contribuir para que o homem fique fraco. Se a natureza garantiu a fortaleza do homem natural, a evolução proporcionou a fraqueza.

Depois de mencionar as condições do homem natural no aspecto físico, se faz necessário, agora, analisá-lo também no aspecto metafísico, momento no qual serão destacados seus aspectos espirituais. Portanto, será percebido que há inúmeras diferenças quando o comparamos com os animais irracionais.

A abordagem do caráter metafísico do homem natural refere-se a sua espiritualidade, ou seja, são aquelas faculdades naturais que o diferenciam dos outros animais. Dentre elas, Rousseau destaca a capacidade de pensar, a piedade, a perfectibilidade e a liberdade.

Como no estado de natureza não havia grandes desejos, as paixões se resumiam às necessidades físicas. Aliás, os únicos desejos bastante visíveis do homem nesse estado eram a alimentação, o repouso e a procriação. A procriação acontecia de forma natural, pois aqui ainda não existia nenhum vínculo familiar. O macho e a fêmea encontravam-se por acaso, mas não construíam nenhum sentimento afetivo.

(...) o homem selvagem, privado de toda espécie de luzes, só experimenta as paixões desta última espécie, não ultrapassando, pois seus desejos a suas necessidades físicas. Os únicos bens que conhece no universo são a alimentação, uma fêmea e o repouso; os únicos males que teme a dor e a fome.¹²

Todas as atividades do homem natural são para satisfazer suas necessidades básicas de sobrevivência, pois ele é privado de todas as espécies de luzes, suas paixões originam-se no simples impulso da natureza, seus desejos não ultrapassam suas necessidades.

Vagando em solidão pelos bosques, independente do auxílio de seus semelhantes para sobreviver, o selvagem, abandonado ao instinto, deseja somente o que pode alcançar de acordo com seus limites físicos e com sua capacidade de agir, não havendo, então, conflito entre querer

¹² Ibidem, p. 244.

e poder. As preocupações com o futuro são típicas do homem civil. No estado natural, sua alma está tranquila sem grandes ambições.

Sua alma, que nada agita, entrega-se unicamente ao sentimento da existência atual sem qualquer ideia do futuro, ainda que próximo, e seus projetos, limitados como suas vistas, dificilmente se estendem até o fim do dia.¹³

A primeira característica metafísica do homem é o pensamento. Com a capacidade de pensar, o homem pode organizar as ideias e com elas elaborar conceitos. Em o *Segundo discurso*, Rousseau não objetivava desenvolver uma teoria do conhecimento, mas sua filosofia aproxima-se do empirismo por defender que as ideias são frutos dos sentidos. Para o filósofo, não só o homem possui ideias, mas também todos os animais, porém, os animais irracionais são limitados, pois não possuem na natureza deles o “dom” da perfectibilidade e nem a vivência da liberdade.

A perfectibilidade é outro importante caráter metafísico do homem, ela consiste na capacidade aperfeiçoar-se. Diferente dos animais irracionais que se limitam aos instintos, o homem é capaz de ir além do que é, ou seja, evoluir (crescer tanto para o bem como para o mal). Essa possibilidade de evoluir o levou ao aperfeiçoamento e, conseqüentemente, ao progresso. É importante ressaltar que muitas circunstâncias contribuíram para o progresso humano, dentre elas, podem ser mencionadas, as dificuldades de sobrevivência na vida natural e, conseqüentemente, o aguçamento dos instintos. Essa capacidade de evoluir é uma característica singular do homem e, nesse aspecto, ele se diferencia e muito dos outros animais.

Mas, ainda quando as dificuldades que cercam todas essas questões deixassem por um instante de causar discussão sobre a diferença entre o homem e o animal, haveria uma outra qualidade, muito específica, que os distinguiria a respeito da qual não pode haver contestação – é a faculdade de aperfeiçoar-se que, com o auxílio das circunstâncias, desenvolve sucessivamente todas as outras e se encontra, entre nós, tanto na espécie, quanto no indivíduo; o animal, pelo contrário, ao fim de alguns meses, é o que será por toda a vida, e sua espécie, no fim de milhares de anos, o que

¹³ Ibidem, p. 245.

era no primeiro ano desses milhares.¹⁴

Com o passar do tempo, os sentidos vão ficando cada vez mais aguçados e, o homem vai evoluindo, conseqüentemente, desperta sua razão que, antes, existia somente em potência. Esse despertar contribuiu para a evolução humana. Cada vez que a razão se manifesta o homem pensa mais e, assim, evolui. No entanto, essa evolução para Rousseau é negativa na história da humanidade.

(...) o homem, tornando a perder, pela velhice ou por outros acidentes, tudo o que a sua perfectibilidade lhe fizera adquirir, volta a cair, desse modo, mas baixo do que a própria besta? Seria triste, para nós, vermo-nos forçados a convir que seja esta faculdade, distintiva e quase ilimitada, a fonte de todos os males do homem; que seja ela que, com o tempo, o tira dessa condição original na qual passaria dias tranquilos e inocentes; que seja ela que, fazendo com que através dos séculos desabrochem suas luzes e erros, seus vícios e virtudes, o torna com o tempo o tirano de se mesmo e de sua natureza.¹⁵

Segundo Rousseau, o “espanto”, no sentido do desejo de conhecer o desconhecido, ou seja, o despertar para a novidade, derivado, principalmente da perfectibilidade, contribuiu, consideravelmente, para o aperfeiçoamento da razão e, conseqüentemente, para o processo de reflexão do homem. Nesse aspecto, a paixão (no sentido de desejar), origina-se a partir das necessidades humanas e vai evoluindo por causa do entendimento, pois só se deseja ou se teme alguma coisa caso antes a conheça. As “paixões”, portanto, vão crescendo a partir do momento em que o homem passa a conhecer melhor o mundo em que vive.

As paixões, por sua vez, encontram sua origem em nossas necessidades e seu progresso em nossos conhecimentos, pois só se pode desejar ou temer as coisas segundo as ideias que delas se possa fazer ou pelo simples impulso da natureza (...) ¹⁶

Contudo, parece ficar claro que no estado de natureza não havia

¹⁴ Ibidem, p. 243.

¹⁵ Ibidem, p. 243.

¹⁶ Ibidem, p. 244.

grandes paixões, pois as maiores paixões se resumiam nas necessidades físicas que eram basicamente a alimentação, o repouso e sexo. Vale ressaltar que o sexo seria um tipo de paixão de maior fortaleza, porém se manifesta unicamente no instinto, ou seja, é basicamente uma necessidade física.

Limitados unicamente ao aspecto físico do amor e bastantes felizes para ignorar essas preferências que irritam o sentimento e lhes aumentam as dificuldades, os homens devem sentir menos frequentes e menos vivamente os ardores do temperamento e, em consequência, disputar com menor frequência e crueldade. A imaginação que determina tantos prejuízos entre nós, não atinge corações selvagens; cada um recebe calmamente o impulso da natureza, entrega-se a ele sem escolha, com mais prazer do que furor, e, uma vez satisfeita a necessidade, extingue-se todo o desejo.¹⁷

Rousseau destaca o sexo como uma paixão natural distinguindo-o, inclusive, no estado civil (amor moral) e no estado de natureza (amor físico). O físico é apenas um desejo natural que impulsiona um macho ir ao encontro de uma fêmea. Quando a necessidade sexual é satisfeita, cada um segue seu rumo. Diferentemente desse, o "amor moral", no estado de sociedade, é um sentimento artificial que foi criado pela convivência social e está contaminado com muitas fantasias, que são próprias do homem civil.

Outra faculdade natural que merece destaque aqui é a piedade. Ela pode ser definida como um tipo de sentimento espontâneo que se expressa nas mais simples ações humanas. Como, por exemplo, no fato de o homem não sentir prazer com o sofrimento alheio, aliás, compadecer-se; e o instinto de proteção maternal, próprio da natureza humana, que é percebido na relação da mãe com os filhos. Isso, inclusive, é perceptível na dinâmica da vida selvagem dos animais irracionais.

Pode-se pensar a *Piedade* como uma extensão do *Amor de Si*, uma vez que, ao perceber a dor e o sofrimento em um ser da mesma espécie, o homem olha para dentro de si e percebe-se também na dor, isto é, ele se coloca no lugar do outro e por isso passa a sentir repúdio

¹⁷ Ibidem, p. 255-256.

àquele momento de sofrimento do seu semelhante.

Ao se deparar com a dor do outro, o homem natural não refletia sobre o acontecimento, mas, antes, contagiava-se com aquilo, e, esse sentimento era espontâneo. Nesse sentido, a *Piedade* não é uma virtude construída, mas existente na própria natureza humana. Ela age como reguladora das paixões naturais que existem no âmbito da sobrevivência. Ela é um sentimento natural moderador do amor de si mesmo, por isso contribui para a conservação de toda a espécie humana.

Segundo Rousseau, na ausência das leis sociais, a piedade deve ser a principal reguladora das atitudes que possam ser nocivas ao homem no âmbito da sobrevivência natural.

Certo, pois a *Piedade* representa um sentimento natural, que moderando em cada indivíduo a ação do Amor de Si mesmo, concorre para a conservação mútua de toda a espécie. Ela nos faz, sem reflexão, socorrer aqueles que vemos sofrer; ela, no estado de natureza, ocupa o lugar das leis, dos costumes e da virtude, com a vantagem de ninguém se sentir tentado a desobedecer à sua doce voz; ela impedirá qualquer selvagem robusto de tirar a uma criança fraca ou a um velho enfermo a subsistência adquirida com dificuldade, desde que ele mesmo possa encontrar em outra parte.¹⁸

A *Piedade* tem uma ligação muito próxima com o *Amor de Si*. (É importante destacar que há muita diferença entre o *Amor Próprio* e o *Amor de Si*. Enquanto o *Amor de Si* é um sentimento natural de conservação, o *Amor Próprio* é um sentimento social que se expressa na vaidade e no egoísmo. Rousseau, em uma passagem de o *Emílio*, escreve sobre essa diferença e ressalta que o *Amor de Si*, que só a nós mesmos considera, fica contente quando nossas verdadeiras necessidades são satisfeitas, mas o *Amor Próprio*, construído a partir de comparações, nunca está contente nem poderia estar, pois esse sentimento, preferindo-nos aos outros, também exige que os outros nos prefiram a eles, o que é impossível. Eis como as paixões doces e afetuosas nascem do *Amor de Si*, e como as paixões odientas e irascíveis nascem do *Amor Próprio*).

¹⁸ Ibidem, p. 254.

Portanto, o *Amor de Si* define-se como um sentimento natural que impulsiona o homem para a preservação da vida. Esse bem natural contribui para o desejo de conservação da existência. O *Amor de Si* manifesta-se justamente quando o homem natural fica diante de dificuldades naturais. No momento em que ele toma atitudes para fugir das tempestades, das secas, das lutas sangrentas com os animais ferozes, da fome, da dor e de qualquer perigo presente na natureza que possa colocar em risco a sua vida, ele está expressando o sentimento de amor a si mesmo. A Piedade é, em resumo, um sentimento de compaixão pela vida, tanto à vida própria como à vida do outro.

Uma forte característica metafísica do homem no estado de natureza é a ideia de liberdade natural que consiste em certa independência natural, isto é, a liberdade de tudo fazer sem nenhuma restrição, o que caracteriza também a autossuficiência. Segundo Rousseau, essa é uma característica única do homem, e isso o diferencia consideravelmente dos animais irracionais. Portanto, a liberdade natural também contribuía para que o homem tivesse uma “vida boa”. Pois, em Rousseau, a ideia de liberdade no sentido de independência pressupõe ausência de relações, e isso é importante ressaltar, visto que foi através das relações que surgiram muitos “males”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, com essa leitura, que diante de todas as características do estado de natureza, percebe-se um homem vivendo isolado, sem grandes paixões, com poucas necessidades. As únicas ânsias que existiam eram as necessidades naturais como a comida (o nutrir-se), o sexo (a procriação) e o descanso (o repouso). Assim, por viver isento de qualquer perturbação própria da vida em sociedade e, depois de satisfazer suas necessidades, o homem natural vislumbrava uma “vida boa”.

Porém, com a evolução humana e o progresso das coisas, o homem perdeu a sua ingenuidade e passou a viver em um estado deplorável, marcado pelas desigualdades e pelo sofrimento. Desse modo, quando comparamos o estado de natureza com o estado de

sociedade, é possível pensar o quanto tudo seria diferente se essa “vida boa” tivesse sido conservada. Certamente, o homem não estaria sofrendo com as consequências da sua própria criação, ou seja, não estaria preso aos ditames do progresso.

Quando o homem rompeu com a liberdade natural e construiu as desigualdades, passou a viver em um verdadeiro “estado de guerra”. Entende-se que ele não pode continuar vivendo nesse estado deplorável de corrupção sem realizar uma ação para superá-lo, contudo, ele não pode mais voltar ao estado de natureza e desfrutar da “vida boa” que antes tinha, entretanto é possível pensar em uma superação da corrupção através da liberdade política que é construída com responsabilidade ética e participação social. Há uma saída! Com a leitura da obra *Do Contrato Social* é possível perceber que o filósofo propõe uma nova liberdade: a saber, a liberdade política, a qual é construída com consciência ética e responsabilidade moral. Ao vivenciar os valores da cidadania, o homem, terá também uma “vida boa”, no entanto, agora, construída com a sua consciência ética e participação política.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASSIRER, Ernest. *A questão Jean-Jacques Rousseau*. São Paulo: UNESP, 1999.
- DERATHÉ, Robert. *Rousseau e a ciência política de seu tempo*. São Paulo: Barcarolla, 2009.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- _____, *Discurso sobre as ciências e as artes*. (Os Pensadores) São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- _____, *Emílio ou da educação*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1992.
- _____, *Do Contrato social*. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- STAROBINSKI, Jean. *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.